

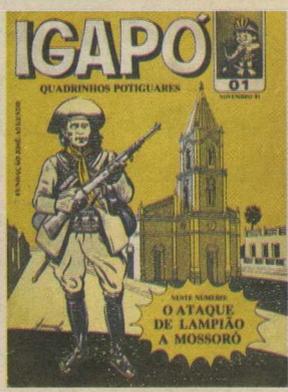
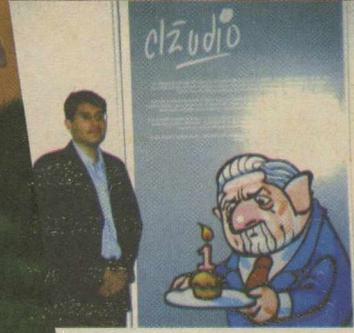
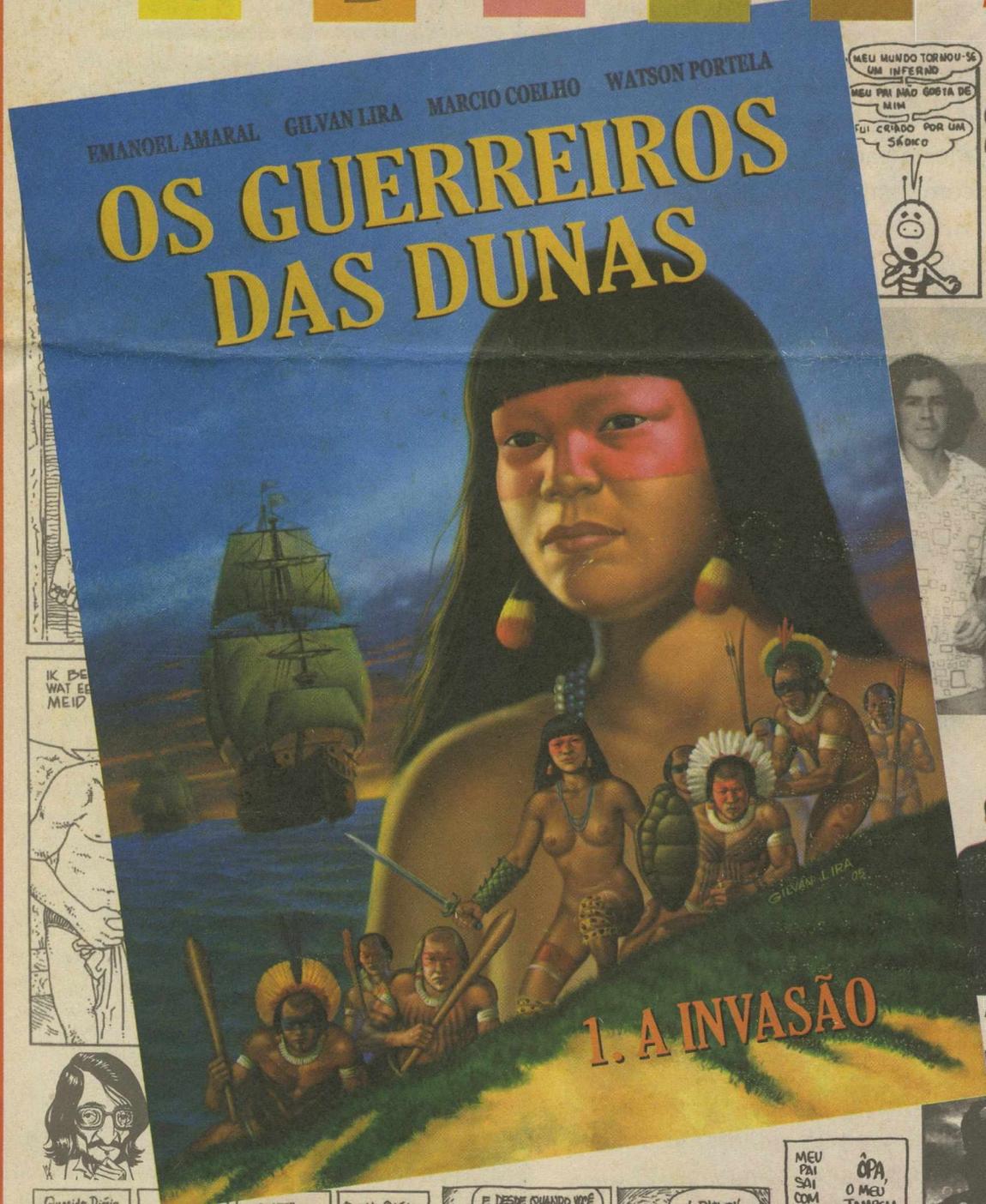
Suplemento

Nós, do RN...

Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte Ano I - Nº 07- Junho de 2005

QUADRINHOS

Arte e Literatura em histórias desenhadas



Apresentação

Cultura, uma prioridade do Governo

Rubens Lemos Filho

Nascido há sete meses, este suplemento cultural do *Diário Oficial* do Estado do Rio Grande do Norte vai buscando na distância dos tempos novas memórias do povo norte-riograndense, como faz nesta edição de "nós, do RN", revelando os caminhos percorridos pelos desenhistas conterrâneos, seja na charge, seja nas Histórias em Quadrinhos.

Esta é, sem dúvida, o melhor exemplo de como se levar à prática a orientação dada pela Exma. Sra. Governadora Wilma Maria de Faria, cuja política cultural é uma das prioridades do seu Governo.

As Histórias em Quadrinhos representam um segmento importante da expressão intelectual do Rio Grande do Norte, man-

tendo e aprimorando a qualidade dos primeiros dias pioneiros. Por sua vez, os chargistas potiguares, principalmente na charge política, cumprem um papel relevante do traço, da abordagem inteligente e da presença cotidiana na imprensa estadual.

O incentivo ora dado aos desenhistas e roteiristas das historinhas animadas pela Imprensa Oficial, reflete a intenção dos órgãos de Estado de alavancar a produção cultural, incentivando novos projetos, em parceria com a intelectualidade.

Com mais esta edição de "nós, do RN" fica perfeitamente demonstrado perante os seus leitores que os planos da governadora Wilma de Faria para a cultura, tornam-se uma realidade palpável.

Editorial

Tarefa histórica da Imprensa Oficial

Miranda Sá

Para orgulho dos que coordenam a Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, esta edição de "nós, do RN" garimpou um dos filões mais ricos da cultura potiguar, as Charges e as Histórias em Quadrinhos de criação artística e intelectual dos norte-riograndenses.

Procuramos mostrar que o zelo e determinação dos desenhistas de HQ no Estado entusiasma pela qualidade do trabalho e a calorosa recepção dos afic-

cionados das "tirinhas" que, infelizmente, têm rareado nos jornais locais.

Quanto aos chargistas, originários de antiquíssima tradição na imprensa brasileira, vêm representados por valorosos representantes potiguares, que valorizam os jornais em circulação aqui e em outros estados da Federação, com destaque para os que aqui se formaram e hoje animam a cena brasileira, na política, nos esportes e nas artes teatrais e cinematográficas.

Com mais esta apresentação

do suplemento cultural do *Diário Oficial*, a coordenação editorial do Departamento Estadual de Imprensa - DEI, cumpre a tarefa histórica de fortalecer os chargistas e quadrinistas conterrâneos e registrar o reconhecimento público à sua produção.

É igualmente gratificante mostrarmos aos leitores de "nós, do RN" os três efes das noites juninas, as festas, fogos e fogueiras que homenageiam os santos padroeiros *honoris causa* do Nordeste Brasileiro.



RIO GRANDE DO NORTE

Estado do Rio Grande do Norte
Assessoria de Comunicação Social

Wilma Maria de Faria
Governadora do Estado:

Carlos Alberto de Faria
Gabinete Civil do Governo do Estado

Rubens Manoel Lemos Filho
Assessoria de Comunicação Social



D.E. I.

Rubens Manoel Lemos Filho
Diretor Geral em exercício

Henrique Miranda Sá Neto
Coordenador de Administração
e Editoração

Juracir Batista de Oliveira
Subcoordenador de Finanças

Eduardo de Souza Pinto Freire
Subcoordenador de Informática

nós, do RN

editor-geral
Miranda Sá

chefe de redação
Moura Neto

equipe redacional

Paulo Dumaresq - reportagem
Anchieta Fernandes - pesquisa
João Maria Alves - fotografia

diagramação e arte final

Edenildo Simões
Alexandro Tavares de Melo

Programação Visual

Emanoel Amaral
Alexandro Tavares de Melo

Capa

Emanoel Amaral

colaboradores

Carlos Morais
Rubens Lemos Filho
Edson Benigno
Carlos de Souza
João Ricardo Correia

apoio gráfico

Willams Laurentino
Valmir Araújo



GOVERNO DE TODOS
Trabalhando pra valer

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA
Av. Câmara Cascudo, 355 - Ribeira - Natal/RN
Cep.: 59025-280 - Tel.: (084) 3232-6793
Site: www.dei.rn.gov.br - e-mail: dei@rn.gov.br

Exposição consolida quadrinhos no RN

Anchieta Fernandes

Antes de 15 de maio de 1971, quando foi inaugurada a I Exposição Norte-Rio-Grandense de Histórias em Quadrinhos, na Biblioteca Pública Câmara Cascudo, em Natal, os militantes desta arte já desfrutavam de espaço nos jornais locais para divulgarem seus trabalhos. Em junho de 1957, seis anos depois de ser realizada, em São Paulo, a I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, o jornal "A República" publicou a biografia em quadrinhos do Almirante Byrd, o conquistador do continente antártico, com desenhos e textos do artista e escritor Verus.

A partir de 1959, o "Diário de Natal" começou a publicar, às terças-feiras, uma página semanal de diversões, dedicada às crianças, com contos infantis, passatempos, poesias, curiosidades e até uma "Enciclopédia Mirim". O título desta página era "Recreio", organizada por Serquiz Farkatt com ilustrações de Poti. E foi nela que o mesmo Poti desenhou a primeira estória em quadrinhos feita pela prata da casa: "O Fogo Através dos Tempos", narrando em episódios (tiras) a história da conquista do fogo pelo homem.

Os quadrinhos norte-rio-grandenses, porém, começaram a ter projeção, de fato, a partir da exposição idealizada e organizada por Emanuel Amaral, na Biblioteca Pública Câmara Cascudo. Na época, este artista natalense voltava a morar na cidade, vindo do

Rio de Janeiro, onde trabalhara como desenhista na editora de quadrinhos Rio Gráfica.

Ocupando todo o salão de mostras da biblioteca, a exposição dividia-se em duas seções: Estórias em Quadrinhos propriamente ditas e Poema/Processo - a última, por sinal, apresentando poemas com a linguagem dos quadrinhos disposta em posição dinâmica, destacando a espacialidade: uma das faces do poema colada ao suporte do stand, a outra solta ao sabor do vento e da manipulação do público.

Da seção de quadrinhos participaram, com originais, o próprio Emanuel Amaral, Evaldo (norte-rio-grandense, mas na época trabalhando na Rio Gráfica, do RJ), Ademir (RN), Falves (RN), Reinaldo (RN), Lindberg (RN), Walmir (RJ), Dorival (RJ), M.Sardella (RJ), Primaggio (RJ), Vanderlei Pinto (SP), Gomes (SP) e a dupla Fabiano & Crispim (SP). A outra seção continha poemas/processo, na linguagem de quadrinhos, de Bosco Lopes (RN), Dailor Varela (RN), Falves Silva (RN), Álvaro de Sá (RJ) e Hugo Mund (SP).

O texto de apresentação do evento, no catálogo,

foi de autoria de Moacy Cirne. Dizia o seguinte: "Mais uma vez Natal se insere dentro das coordenadas operacionais da arte contemporânea. Do poema/processo aos quadrinhos, o nosso trajeto criativo se reveste da grande importância que alimenta estruturalmente os modelos ideológicos da historicidade. E os quadrinhos despontam, do final do século passado aos dias atuais, com a força instauradora das grandes criações humanas. Contra os acadêmicos e os parasitas da sociedade. Todavia, existem quadrinhos e quadrinhos. Aqueles que informam (sob o signo do novo) e aqueles que alienam (sob o signo do velho): é preciso rejeitar os últimos. É preciso rejeitar o reacionarismo de Super-Homem e Batman, o capitalismo de Tio Patinhas, o formalismo do Príncipe Valente. Esta exposição, certamente modesta, certamente incompleta, poderá ser a abertura para as possibilidades dos quadrinhos brasileiros. Não como importação de modelos estrangeiros, mas com o criação de um mundo a partir de nossa realidade nacional. Isto é, social."



Arquivo

Até um frade fazia quadrinhos

As palavras de Moacy Cirne tiveram o dom de ecoar como uma convocação, uma verdadeira "chamada geral" no espírito jovem de alguns natalenses interessados na arte de Ziraldo. Com a presença de um vastíssimo público, de todas as classes e de todas as idades, na noite de abertura, os autores natalenses puderam se revelar, não somente mostrando seus desenhos, mas também pela oportunidade de debaterem e explicarem a validade da chamada Oitava Arte. O papo naquela noite reuniu todos os criadores, estudiosos e aficionados e foi ocasião do primeiro contato com Dom Lucas Brasil.

Frade da ordem beneditina, tendo idéias das mais sintonizadas com a linha da igreja pós-conciliar, Dom Lucas apareceu vestindo roupa esporte (atitude desusada na época) e foi logo discutindo as conotações estéticas no traço de cada expositor, e as possíveis falhas. Incentivou-os então a continuarem as pesquisas, desenharem as suas estórias, criarem seus próprios personagens sem procurar copiar desenhistas americanos.

Contou que já fizera palestras sobre quadrinhos nos colégios natalenses onde ensinava, palestras ilustradas com desenhos dele próprio. Terminou por revelar um segredo, que foi a grande notícia do primeiro dia da exposição: ele, Dom Lucas, preparava uma revistinha de quadrinhos, com notícias, artigos, fichários informativos, e até mesmo a possível publicação de estórias com originais da prata da casa.



Lindberg, Emanuel Amaral, Reinaldo, Luis Pinherio e Anchieta Fernandes: na exposição de 1971

Explosão criativa do cineminha de papel

Paulo Jorge Dumaresq

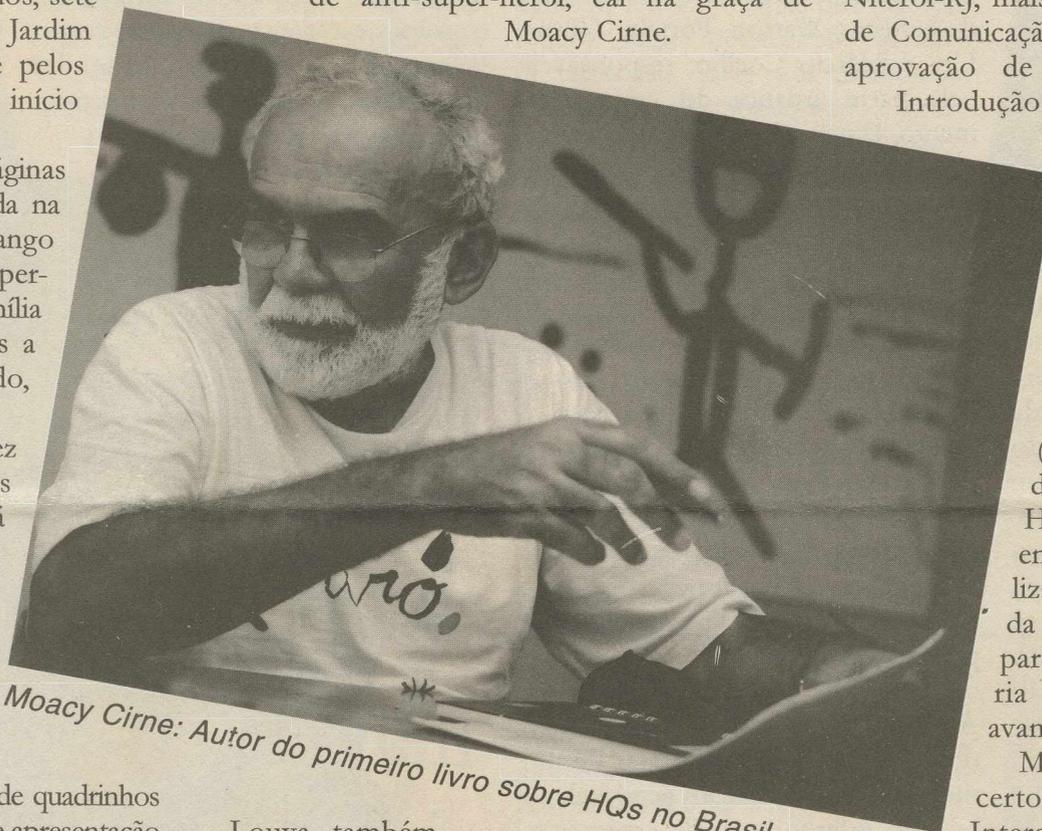
Um olhar crítico. É isso o que diferencia o escritor, poeta e estudioso das Histórias em Quadrinhos Moacy Cirne dos leigos em semiologia das tiras. O devotamento é de tal ordem que dos 26 livros publicados, sete são dedicados ao tema. Nascido em Jardim do Seridó há 62 anos, o interesse pelos quadrinhos e pela Sétima Arte teve início na infância vivida em Caicó.

Revela que aprendeu a ler pelas páginas da centenária revista Tico-Tico. Ainda na infância, cultua Tarzã, Ferdinando, Durango Kid, Mandrake, Capitão Marvel e Super-Homem. Em 1957, vem com a família morar em Natal, deixando para trás a coleção de revistas. Neste período, desponta a paixão pela lite-ratura.

Os quadrinhos voltam à cena, dez anos depois, em 1966, agora vistos por outra perspectiva. Em 1970, já morando no Rio de Janeiro, publica pela Editora Vozes o primeiro livro sobre HQs no Brasil, intitulado A Explosão Criativa dos Quadrinhos, somando cinco edições. Em seguida, em 1971, lança A Linguagem dos Quadrinhos.

É quando vem à luz o movimento de quadrinhos em Natal. Assina o texto do catálogo de apresentação da I Exposição Norte-Rio-Grandense de Histórias em Quadrinhos, realizada de 15 a 22 de maio de 1971, na Biblioteca Pública Câmara Cascudo. Mesmo distante acompanha o surgimento do Gibi-Notícias e do GRUPEHQ, nome sugerido pelo pesquisador Anchieta Fernandes, recebendo o material pro-

duzido pelos quadrinistas e pesquisadores do grupo. "Fiquei muito contente", relata, "sobretudo pela proposta gráfica e temática de Emanuel Amaral". O personagem Super-Cupim, espécie de anti-super-herói, cai na graça de Moacy Cirne.



Moacy Cirne: Autor do primeiro livro sobre HQs no Brasil

Louva também o personagem real criado por Lindberg Revorêdo, batizado "Dom Inácio, Bispo de Taipu", baseado na figura do escritor Inácio Magalhães de Sena. "Era um quadrinho muito nosso", admite. O estudioso acredita que o GRUPEHQ possa ter sido pioneiro no Nordeste como

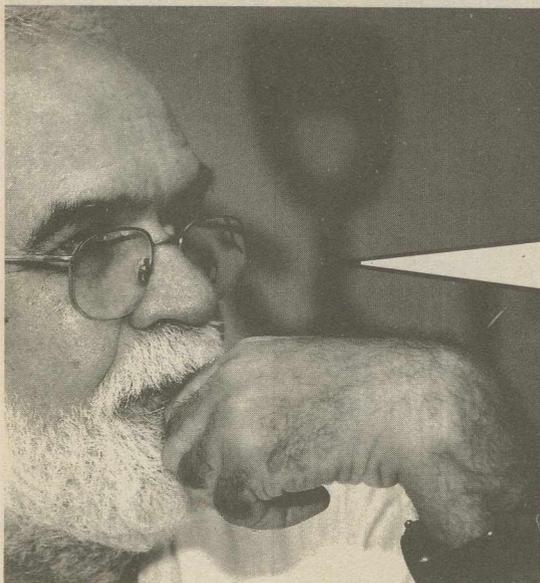
grupo organizado: "avalio o movimento positivamente".

Ainda em 1971, Moacy Cirne ingressa na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói-RJ, mais precisamente no Departamento de Comunicação Social. Em 1972, consegue a aprovação de ementa criando a disciplina Introdução às Histórias em Quadrinhos.

"Nunca tive dificuldade de defender os quadrinhos na academia", anota o professor aposentado.

Aos poucos, os quadrinhos foram tomando o seu lugar de direito no meio acadêmico, claro, com alguma resistência. Conforme o autor de Para Ler os Quadrinhos (Vozes, 1972), neste livro ele tentou dar roupagem mais acadêmica às HQs, fazendo estudo comparativo entre cinema e quadrinhos e utilizando metodologia crítica própria da academia na época, "justamente para mostrar que o quadrinho poderia ser objeto de estudos mais avançados".

Moacy Cirne estava no caminho certo. Prova disso é o interesse da Intercom, a principal sociedade de estudos de comunicação no país, que há dez anos criou grupo de pesquisa em Histórias em Quadrinhos, reunindo anualmente em encontro nacional os principais estudos e pesquisas em HQs e em outras áreas da comunicação.



Tradição de quadrinho caricatural

No entendimento do ganhador do prêmio La Palma Real (Cuba, 1992), pela obra História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros (Funarte, 1990), o Brasil tem tradição de quadrinho caricatural, que data do século XIX. Cita Henfil como um dos principais representantes contemporâneos dessa vertente de quadrinistas que exploram o humor gráfico com base cartunística ou caricatural, dependendo do enfoque.

"Esse tipo de quadrinho é uma marca brasileira", ressalta.

Inquirido a respeito dos grandes representantes das HQs no país, Moacy Cirne não titubeia e menciona Ângelo Agostini, J. Carlos e Luiz Sá, como os grandes baluartes na primeira metade do Século XX, ressaltando que os dois primeiros eram mais cartunistas do que quadrinistas. Na segunda metade do século passado, sublinha Henfil, Ziraldo,

Fortuna, Millôr Fernandes, Nico Rosso, Jayme Cortez, Julio Shimamoto, Luiz Gê, Laerte Coutinho, Angeli, Lourenço Murtarelli e Marcatti. "Tem também a figura de Maurício de Souza, que corre por fora, como o cara que conseguiu se impor editorialmente", destaca. Na aldeia de Poty, grifa os nomes de Emanuel Amaral e de Márcio Coelho como legítimos representantes da velha e da nova geração, respectivamente.

Os Guerreiros das Dunas

uma versão em quadrinhos que a História Oficial não conta

Moura Neto

Jornalista por profissão, Emanuel Amaral, 53 anos, dedicou-se com entusiasmo e inspiração a todas as possibilidades que o traço criativo pode exaltar. Pintura, charge e, claro, quadrinho. Foi um dos fundadores do Grupo de Pesquisas e Estudos de Histórias em Quadrinhos (GRUPEHQ), há de 34 anos, movimento que de certa forma agora é coroado com a publicação do primeiro volume da revista "Os Guerreiros das Dunas". Lançada este mês, durante a 3ª Feira do Livro de Natal, a obra narra, em quadrinhos, a história da colonização do Rio Grande do Norte sob a ótica dos vencidos, ou seja, dos índios potiguaras.

A preocupação em aliar sua arte ao estudo e divulgação de fatos históricos, de caráter educativo, o levou a se tornar sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. O pesquisador Olavo de Medeiros Filho, também membro desta vetusta instituição e autor de livros sobre a fundação da Cidade de Natal, saudou o trabalho realizado pelo confrade de academia com inequívoco louvor: "Os Guerreiros das Dunas certamente se tornará um clássi-

co da literatura em quadrinhos".

O mérito pela qualidade da revista, porém, deve ser dividido com os desenhistas Watson Portela, Gilvan Lira e Márcio Coelho, responsáveis pela parte artística do empreendimento. Emanuel pesquisou o tema e elaborou o roteiro, tendo inclusive se iniciado no estudo da língua tupi para melhor desenvolver seu trabalho. A criação dos desenhos começou a ser feita pelo artista pernambucano Watson Portela, que depois foi substituído por dois dos melhores expoentes desta arte no Rio Grande do Norte - Gilvan Lira e Márcio Coelho.

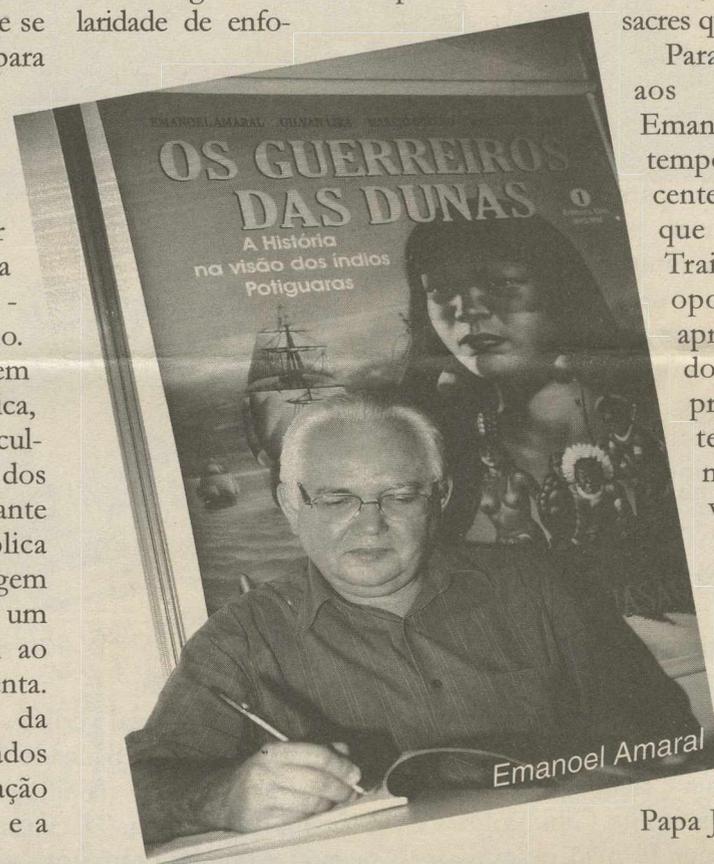
"Trabalhamos num roteiro em que, através de uma ficção histórica, abordamos os costumes sócio-culturais e a luta de resistência dos potiguaras, a partir de 1597, diante do invasor português", explica Amaral. "Escolhemos a linguagem dos quadrinhos por se tratar de um meio de comunicação acessível ao público infanto-juvenil", acrescenta. Os próximos três volumes da revista, que deverão ser publicados um por ano, irão abordar a ocupação do invasor, o período holandês e a

realidade atual das nações indígenas.

Além da pesquisa apurada, a fim de retratar com o máximo de fidelidade os costumes e cenários da época, com a beleza plástica inerente à arte dos quadrinhos, o trabalho dos artistas norte-rio-grandenses tem a particularidade de enfo-

car o ponto de vista dos perdedores, capítulo geralmente preterido pela historiografia oficial. "Pesquisamos documentos e nos valem de autores para validar uma versão que não está presente nos livros de História", assinala Amaral, dando ênfase aos massacres que vitimaram os indígenas.

Para estudar e se afeiçoar aos costumes indígenas, Emanuel Amaral passou uma temporada com os remanescentes dos índios potiguaras que vivem na Baía da Traição, litoral paraibano, oportunidade em que se aprofundou no aprendizado da linguagem nativa dos primeiros habitantes desta terra. Dedicado ainda maior daquela que reservou para compor outras obras de cunho histórico, como as que versam, por exemplo, sobre o ataque de Lampião a Mossoró, a biografia de Jesuíno Brilhante, a invenção de Santos Dumont e a visita do Papa João Paulo II a Natal.



Artistas de primeira grandeza

Os desenhistas selecionados por Emanuel Amaral para compor o projeto de edição da série Os Guerreiros das Dunas são, como ele mesmo reconhece, dos melhores que o Rio Grande do Norte produziu. Gilvan Lira, 42 anos, e Márcio Coelho, 40, são artistas experientes e com trabalhos reconhecidos na aldeia de Poty e fora dela. Ambos são valores que qualificam a trajetória realizada pelo

GRUPEHQ.

Natural de São Rafael, Gilvan Lira vive da arte que produz. Residiu sete anos em São Paulo, no final dos anos 80, trabalhando em editoras que publicavam quadrinhos. No início do ano 2000 colaborou como ilustrador nos cadernos especiais editados pelo Diário de Natal. Neste mesmo jornal, durante algum tempo, publicou tiras de quadrinhos no espaço tradicionalmente utiliza-

do com produções estrangeiras. Mesmo com toda esta estrada percorrida, ele sente que o atual momento é especial. "Trabalhar em Os Guerreiros das Dunas representou uma emoção diferente; pela importância histórica e pela pesquisa que tivemos de desenvolver".

Márcio Coelho, natural de Natal, trabalha profissionalmente desde 1985 com arte. Mas precisa prestar expediente no serviço público para

sobreviver. Seus desenhos ilustraram revistas editadas pela Editora Press Editorial sobre ficção científica e o cantor pop John Lennon, com texto de Júlio Emílio Braz. Também demonstra satisfação com o resultado de sua última obra. "Esta revista tem um estilo semelhante ao que é produzido na Europa, onde os quadrinistas, por serem valorizados, são formados em escolas de arte".

Todas as tiras de Evaldo

Com quantas tiras se constrói uma carreira de quadrinista? A julgar pelas mais de cinco mil Histórias em Quadrinhos desenhadas pelo natalense



José Evaldo de Oliveira, importa dizer que com todas as tiras do mundo. Mundo esse que amplia quando parte de Natal para o Rio de Janeiro, em 1960, depois de pedir baixa do Exército, com a idéia fixa de desenhar, garantir emprego e ser (re)conhecido pelo trabalho.

O interesse pelo desenho começa aos quatro anos, mas só aos catorze é arrebatado pelos quadrinhos de terror, especialmente Drácula, de Miguel Pentead, influência que o leva a desenhar o personagem de 1969 a 1974. "Natal não tinha campo para quadrinho", afirma com todas as letras.

Uma vez na metrópole, consegue emprego na Rio Gráfica, hoje Editora Globo, passando a desenvolver o seu

ofício. Dá forma a Flecha Ligeira e Recruta Zero. Ainda na Rio Gráfica, colabora nas revistas Querida e Contos de Amor. Deixa a sua marca também em Os Trapalhões (Editora Bloch), Gugu Liberato, Pato Donald e O Hermitão, estes três últimos na Editora Abril. Somem-se a essas HQs, os gibis do Lobisomem, Frankenstein, Fantasma, Mandrake e do Cavaleiro Negro.

Quando os quadrinhos eclodem em Natal como movimento articulado e organizado, em maio de 1971, Evaldo é convidado pelo colega de profissão Emanuel Amaral para colaborar na exposição de lançamento do Grupeq, na Biblioteca Pública Câmara Cascudo, com o personagem Dioguinho. "Foi um achado, mas não teve repercussão nacional",



avalia.

Diz que morando no Rio não tinha como participar integralmente do movimento. O jeito foi dar a sua contribuição à distância.

Recruta Zero, o personagem

O Recruta Zero foi a HQ que Evaldo dedicou mais tempo. Com regularidade de metrônomo, desenhou as figuras da turma do Zero por 20 anos, consórcio esse que só foi desfeito na década de 80. Ele conta que começou a desenhar a criação de Mort Walker em 1967, porque o material que vinha de



fora começou a escassear. "Faço o Recruta Zero de olhos fechados", garante o quadrinista. O texto dos balões também saía/sai da cabeça de Evaldo, que além de quadrinista é chargista, artista plástico, músico e ex-ator de teatro, tendo atuado no Teatro Experimental de Amadores, dirigido por Adalberto Rodrigues. "Eu não fui reduzido a Zero. Paralelamente, colaborava nas revistas Querida e Contos de Amor, ambas da Rio

Gráfica", acrescenta.

A vivência no mercado editorial das HQs o fez refletir sobre o quadrinho brasileiro. Na sua concepção, os quadrinistas nacionais receberam bastante influência do exterior, embora reconheça que o talento tupiniquim já conseguiu, de certa forma, superar essa invasão, contratando com a exportação de profissionais para a

América do Norte, como é o caso do paraibano Deodato, radicado nos Estados Unidos.

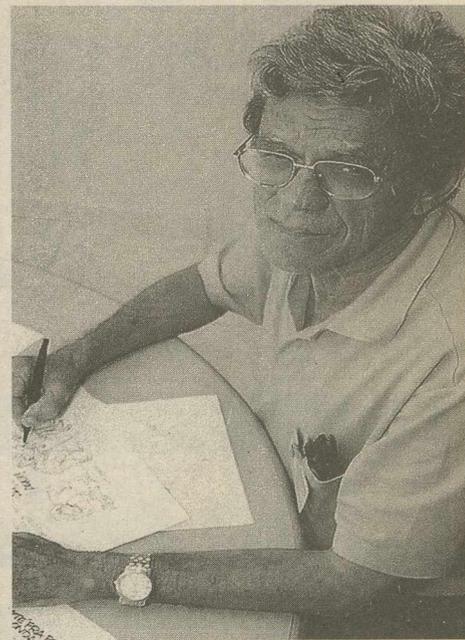
Mesmo assim, a invasão dos quadrinhos estrangeiros é motivo de preocupação. Debulhando palavras, afirma que até hoje existe truste, porquanto o quadrinho gringo continua sendo vendido a preços insignificantes, relegando o desenhista brasileiro a segundo plano. Isto ocorre devido à distribuição das tiras estrangeiras pelo

mundo afora, bara-teando o preço do gibi ao consumidor interno. "Nós temos qualidade, mas, devido a isso, morremos no nascedouro", admite o veterano das HQs.

Panorama

Calejado no ofício de quadrinista, Evaldo admira o trabalho dos pioneiros Getúlio Delfim, Walmir Amaral e Colonesse, como também aplaude o humor da turma da revista Chiclete com Banana, reconhecendo naquele grupo o divisor de águas entre o quadrinho clássico e o moderno. Em nível local, aponta Emanuel Amaral como o responsável pelo lançamento da pedra basilar dos quadrinhos em Natal, embora veja também qualidade no trabalho desenvolvido por Márcio Coelho.

A sensação de trabalhar duro e não ver os resultados surgirem como desejara fez com que passasse a desenhar charges nos últimos sete anos no vespertino O Jornal de Hoje. Pretende publicar as melhores em livro, dependendo da aprovação de projeto em lei de incentivo à cultura e da captação de recursos junto ao empresariado local.



Evaldo Oliveira: veterano nas HQs

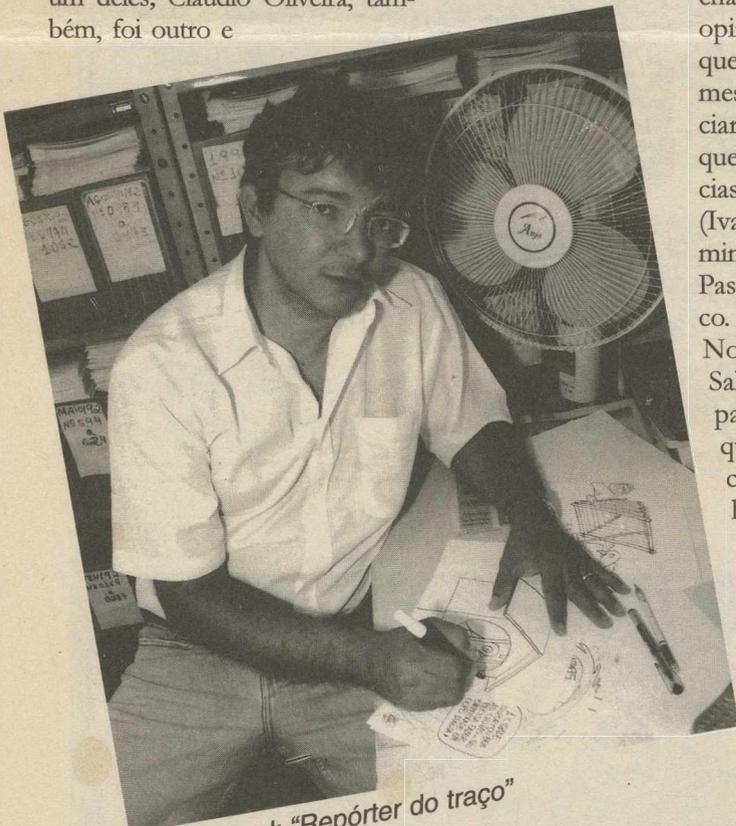
Não importa se quadrinho ou charge, o relevante para Evaldo nestes 43 anos de profissão é a possibilidade de se debruçar sobre a condição humana, a cultura brasileira e poder vivenciar o ato da criação em si. "Todo desenhista, ao dar forma a um personagem, tem por base o seu próprio rosto", conclui. (PJD)

Chargistas potiguares

Carlos de Souza

Você já parou para pensar na diferença entre charge e cartum? O desenhista, chargista e cartunista Emanuel Amaral tem uma explicação simples para essa questão singela. A charge é aquele desenho factual, direto, local. Aquele que se confunde com a notícia do dia. Ele é temporal e geralmente se apóia na caricatura. O cartum é mais distante, não se identifica com a notícia local, nem sempre precisa da caricatura e é universal e atemporal. Entendeu? Emanuel Amaral, dentro desta definição, é de fato o primeiro chargista potiguar. Antes dele se fez muito desenho de humor, mas sem as tais características que definem a charge.

Foi nos idos de 1971 que Amaral começou a exercitar a charge de caráter político, de costumes, de olhar a sociedade com um riso no canto dos lábios no Diário de Natal e assim lançou as bases para a existência desses profissionais na imprensa potiguar e ensinou alguns deles. Edmar Vianna, chargista da Tribuna do Norte foi um deles; Cláudio Oliveira, também, foi outro e



Ivan Cabral: "Repórter do traço"

hoje trabalha no jornal Agora São Paulo. Hoje, cada chargista já seguiu seu próprio caminho e imprimiu seu próprio estilo. Para Emanuel Amaral, a função da charge é principalmente divertir. Ela é lúdica. É claro se usa ela para criticar, mas sempre com o intuito de fazer rir. Mesmo fazendo crítica, ela tem que fazer rir, ela tem que zombar. A charge tem valor até de um editorial. É como se fosse uma matéria engraçada, ultra-reduzida".

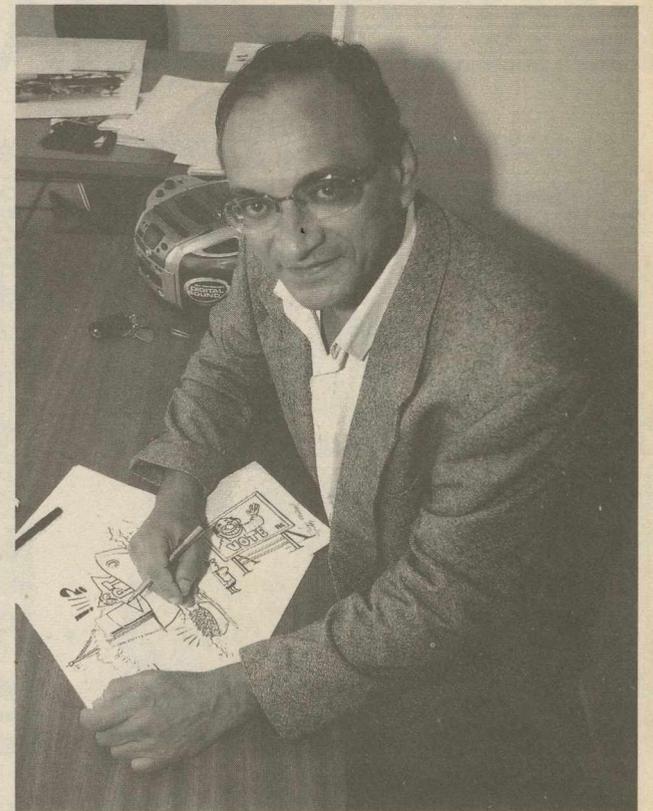
Como a maioria dos chargistas brasileiros, Emanuel

Amaral gostava de Henfil, Ziraldo, Fortuna, entre outros, mas sempre procurou se pautar pela intuição. "Eu tinha muito medo de influência, então comecei a fazer as charges da minha cabeça mesmo, sem seguir estilo nenhum e terminou virando um estilo". Aí nasceu seu personagem "Supercumpim" que fez a cabeça de toda uma geração de desenhistas potiguares. Com essa bagagem, participou da Primeira Exposição Norte-riograndense de História em Quadrinhos, realizada em Natal, em 1971. Em 1982 participou da Primeira Exposição Norte de História em Quadrinhos, no Acre. Publicou um livro de charges, em parceria com Edmar Vianna, Ivan Cabral e Cláudio Oliveira, intitulado "Já era Collor".

É importante lembrar que, a partir do sucesso que esses chargistas passaram a mostrar em seu trabalho diário, um grupo de jovens chargistas começou a despontar em Natal. O primeiro deles é Ivan Cabral, que tem há já algum tempo um espaço privilegiado de charges no Diário de Natal. Ivan Cabral tem uma opinião bem interessante sobre sua profissão: "Creio que o chargista é um repórter do traço. Ele exerce o mesmo papel da imprensa ao informar, avaliar, denunciar fatos políticos, econômicos e sociais. A diferença é que ele usa o recurso do humor". Entre suas influências estão chargistas que marcaram toda uma geração (Ivan Cabral nasceu em 1963). "Os profissionais de minha geração não podem ignorar a importância do Pasquim e seus artistas na formação do estilo chargístico. Mas, gosto muito de salientar os valores da terrinha. Nomes como Edmar Viana, Emanuel Amaral, Aucides Sales evidentemente foram de grande influência. Em particular, ressalto o Cláudio Oliveira pelo convívio que tivemos no Diário de Natal, onde pude aprender com ele alguns "macetes" através do compartilhamento de seu processo criativo. Um colega da terrinha que tem um humor gráfico muito apurado é o Solino. No cenário nacional, sou fã incondicional do Laerte, Angeli, Jean, Fernandes e Fernando Gonsales".

Suas primeiras experiências foram a publicação de desenhos na Maturi e produzindo charges esporádicas para o antigo jornal Dois Pontos. Antes de assumir definitivamente a coluna de charges do DN em 1988, substituiu Edmar em 1983 por 3 meses e tirou as férias de Cláudio Oliveira, na Tribuna do Norte em 1987.

Ivan Cabral já participou de vários salões em que foi premiado. Por exemplo, foi o 1º lugar no Salão de Humor da unacon (Brasília-DF) (1997) e teve voto popular no mesmo salão. Tirou o 1º lugar no Salão de Humor de Volta Redonda (RJ) (1997); 1º lugar no Salão de Humor de Volta Redonda (RJ) (1998); 2º lugar no Salão de Humor de Natal(RN) (1999); Menções honrosas nos salões da Unacon (DF), Caratinga(MG), Santo André (SP). Participou de um galeria virtual



Edmar Viana: crítica e humor na charge

sobre humor olímpico no site italiano Fano Funny (www.fanofunny.com). Em 2004 realizou uma exposição temática sobre leitura e educação na Galeria do NAC-UFRN. "Até hoje só publiquei o livro Já Era Collor (1991) em parceria com Edmar, Claudio e Emanuel. Quanto a quadrinhos, além da participação na Maturi, tive a experiência de publicar durante quase um ano e meio uma tira diária do meu personagem Mosca Zezé no DN. Existe em andamento um projeto de publicação de novas histórias pra Maturi. Uma coisa que não aparece muito é a charge animada (a gripe do momento) que produzo há quase dois anos na TVU".

Jovem Talento - Entre os mais jovens chargistas potiguares figura também Gilvan Lira. Para ele, a função da charge é satirizar, criticar, gerar reflexão. "Sou mais desenhista de HQ e ilustrador, do que chargista e minhas influências nessa área são as mais variadas. Joe Kubert, Burne Hogart, Harold Foster, Segrelles, San Julian, Loisel, Mozart Couto, Caravaggio, Frans Halls, só para citar algumas". Gilvan Lira iniciou sua vida profissional em 1982, ilustrando livros didáticos para a Secretaria de Educação do RN. Em 1985 começou a produzir histórias em quadrinhos para as editoras PRESS e Maciota, de São Paulo. No final de 1987 se mudou para São Paulo e produziu quadrinhos para várias outras editoras pequenas. "Publiquei quadrinhos, fiz capas para livros, ilustrações para jornais e produzi a tira Zé do Mouse, que foi publicada no Diário de Natal, durante um ano e meio. Participei do I Salão de Humor de Natal, onde me classifiquei em 3º lugar, na categoria Quadrinhos".

Edmar Vianna é um dos mais importantes chargistas em atividade em Natal. Para ele, "a charge é um elemento gráfico satírico de uma situação real e atual, que retrata o momento político, social ou esportivo, através da crítica, com muito bom humor. A charge para ser engraçada e percebida pelo leitor, tem que retratar os assuntos em estejam em evidência e que

seja de conhecimento de parte do público, sempre com muita graça".

A princípio, ainda criança sofreu forte influência do pai, Edgard Viana, que além de outras atividades com agente do IBGE, também escrevia e desenhava, seguindo uma linha de personagens dos cowboys do cinema americano, década de 50 e 60. "Depois vieram as influências dos traços inconfundíveis e manuscritos de Henfil, do clássico Ziraldo, e do cartunista e chargista esportivo (na época) Otávio", diz Edmar. "Hoje a admiração fica por conta das charges de Chico Caruzo, de Angeli, Gláuco e Laerte. Estes três últimos, além das charges, o excelente desempenho na criação de personagens e HQs, em particular Angeli. Em Natal, os ensinamentos de Emanuel Amaral, desenhista de primeira linha, seja clássico ou humoristas e do pessoal do Grupehq, desde 1975. Na sequência, fico feliz em saber que também influenciei outros chargistas mais novos, excentes chargistas de uma boa safra de Natal".

Cartão Amarelo

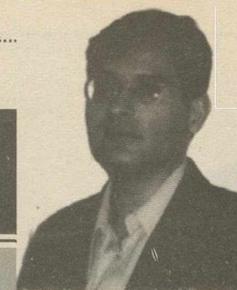
E como foi que tudo isso começou? Aos 16 anos vindo de Nova Cruz, Edmar Viana continuou ainda fazendo desenhos para trabalhos escolares e pequenas encomendas. Desenhava algumas HQs eróticas, edição única, tamanho minúsculo. Era uma festa entre os amigos, até a mãe um dia descobrir uma das "revistinhas" no bolso da camisa. Vergonha geral, dois meses sem conseguir olhar para a cara da mãe, e a "promessa" de nunca mais desenhar erótico.

Em 1973 Edmar Viana começou a fazer charges para o Diário de Natal, na coluna Cartão Amarelo em parceria com Everaldo Lopes. Edmar Viana tem uma trajetória, ao mesmo tempo simples e vitoriosa: Começou a trabalhar no Diário de Natal em agosto 1973, ilustrando a coluna "Cartão Amarelo", em parceria com Everaldo Lopes. Em 1988 foi para a Tribuna do Norte, onde além do Cartão Amarelo, faz charges políticas para o espaço Opinião e ilustrações diversas. Em 1975 ingressou em um movimento de quadrinhos Grupehq, onde publicou diversas tiras e HQ nas revistas IGAPÓ, Maturi, Revista do Grupeq, entre outras. Neste período criou o personagem O Gatuno, de vida curta. Em 1980 criou e publicou a revista O Pivete. Entre 1988 a 1991 publicou diariamente o Pivete na Tribuna do Norte.

Algumas de suas charges do Cartão Amarelo serviram de tema para questões do vestibular da UFRN e trabalhos escolares. Edmar Viana também participou da Amostra de Charges e Cartuns da Revista Nacional e Salão Henfil do RN, além de muitas exposições em Natal e no interior do Estado, além de publicações eventuais em revistas e jornais do Brasil. Em parceria com Manoel Vaz, Solino e Cláudio Oliveira lançou o jornal de charges, cartuns e crônicas satíricas O Chafurdo, em quatro edições. Com os chargistas Claudio Oliveira, Emanuel Amaral e Ivan Cabral publicou o livro Já Era Collor, coletânea de charges publicadas durante o governo de Fernando Collor, logo após o Impeachment. Em 2003 lançou o livro Cartão Amarelo 30 anos, de Edmar Viana e Everaldo Lopes, com o patrocínio da Cosern.

Entrevista

Cláudio Oliveira - Chargista



Qual a função da charge para você?

A função da charge é despertar no leitor a reflexão sobre os acontecimentos. Para isto, ela se utiliza do humor, juntando comicidade e criticidade, oferecendo ao leitor elementos para a formação de um juízo crítico. Não se trata de "fazer a cabeça" do leitor, o que seria não só uma atitude autoritária, como também uma bobagem. Mas, de dar uma opinião para o leitor formar a sua própria opinião. Não é incomum o leitor discordar da interpretação do chargista. Resumindo, a charge não deve ser apenas uma piada que provoque o riso, mas uma análise da notícia. O chargista deve ter uma boa capacidade de análise e isto requer bastante leitura e reflexão. Ao contrário do historiador que tem muito tempo para elaborar uma interpretação dos fatos, o chargista precisa se posicionar instantaneamente, em cima dos acontecimentos.

Quais são suas principais influências?

Sou filhote da turma do Pasquim, o semanário que marcou a imprensa de humor nos anos 70 e 80. Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar e Henfil me influenciaram bastante, sobretudo Henfil, que morou em Natal e com quem tive o prazer de uma pequena convivência. Mas, antes disso, na infância, o cara que me "ensinou" a desenhar foi Carl Barks, um desenhista da Disney, através das revistinhas de quadrinhos. Também aprendi com os desenhistas potiguares Emanuel Amaral, Aucides Sales, Lindeberg Revoredo e Edmar Viana. Posteriormente, fiquei muito bem impressionado com o trabalho de três grandes chargistas brasileiros do início do século 20, J. Carlos, Belmonte e Nássara. Ao longo do tempo, fui pegando influências diversas, nacionais e estrangeiras, processando no meu liquidificador, o que resultou no trabalho que faço hoje. E espero que não pare de receber novas informações e que o meu trabalho continue em transformação.

Como você se profissionalizou?

Comecei a fazer charges diárias em 1976, na Tribuna do Norte. Vou completar no ano que vem 30 anos de carreira. Mas só passei a viver exclusivamente dos meus desenhos em 1993, quando vim para São Paulo, e passei a publicar inicialmente nos cadernos regionais da Folha de S. Paulo, que circulavam no interior do estado, e, posteriormente, na Folha da Tarde, da

mesma empresa, e que, em 1999, foi substituída pelo Agora São Paulo, jornal onde publico atualmente.

Já participou de exposições, salões? Quais?

Particpei de várias exposições e salões de humor, no Brasil e no exterior. Alguns foram muito importantes para mim. Em fins dos anos 70, no início de carreira, mandei meus trabalhos para salões de humor na Bulgária, Iugoslávia e Bélgica e fiquei contente quando recebi os catálogos das exposições com meus desenhos ao lado de artistas do mundo inteiro. Em 1982, fui premiado em primeiro lugar no I Salão de Humor do Piauí e em 1985 fui convidado para ser membro da sua comissão julgadora, ao lado de Millôr Fernandes, Chico Caruso e Lailson de Holanda, este último então chargista do Diário de Pernambuco. Em 1991, expus na cidade de Ostrava, República Tcheca. Fiquei muito feliz com uma ex-posição em Natal, na Capitania das Artes, em 1996, à época dirigida pela jornalista Rejane Cardoso. O ano passado expus e dei uma oficina de caricaturas em Recife, no Festival Internacional de Humor e Quadrinhos de Pernambuco.

Já editou livros, histórias em quadrinhos?

Minha primeira publicação foi uma revistinha de quadrinhos "Ju-ca, o vagalume", em 1980, pela editora da UFRN, cujo diretor na época era Chico Alves. Meu primeiro livro foi "O que vier eu traço", de 1988, editado pela Clima, de Carlos Lima, que se definia para mim como

um "comunista avulso". Em 1992, juntamos toda a patota aí de Natal, eu, Emanuel Amaral, Edmar Viana, Everaldo Lopes e Ivan Cabral e lançamos "Já era Collor", que teve a primeira edição esgotada em 15 dias e foi tirada uma segunda edição. Lancei em 1998 o "Pittadas de Maluf", pela editora Boitempo e que foi premiado pelo troféu HQ Mix, da Associação Brasileira de Cartunistas, como o melhor livro de charges do ano, e teve edição esgotada. Em 2003, foi a vez de "Lula, ano um", pela editora Escala. Estes foram os que publiquei. Há os que organizei e ficaram inéditos, como "FHC na Real", de 2002, e "Malufadas de Marta", do ano passado. Não consegui publicá-los e terminei jogando no meu blog. O endereço é (<http://chargistaclaudio.zip.net>). Mas as duas principais obras de minha autoria são Luís e Laura, o primeiro com 7 anos e a segunda com 4 anos. Pai coruja é fogo!



Guerra

O pai das histórias em quadrinhos do Brasil alinhou-se na tropa de frente da propaganda no esforço bélico durante as manobras na Guerra do Paraguai, ajudado pelos melhores humorista do Rio de Janeiro e pela corte do Imperador Dom Pedro II

Carlos Moraes

O cartunista luso-brasileiro Angelo Agostini, considerado o patriarca das histórias de quadrinhos brasileiras, foi um dos militantes da linha de frente na guerra de propaganda contra o Paraguai, ajudando a criar um clima psicológico favorável à mobilização das tropas do Brasil contra o inimigo. O humorismo político, desencadeado neste conflito, o mais longo da História da América Latina (1864-1870), em que morreram, aproximadamente, meio milhão de pessoas, lançou na memória coletiva dos brasileiros uma imagem desdenhosa e difamatória do Paraguai, demonizando a figura do caudilho Solano López, caricatura entranhada até os tempos atuais.

O humorismo caricatural da época era representado pelas revistas ilustradas **Semana Ilustrada**, **Vida Fluminense** e **O Mosquito**, publicações de prestigiosa influência na corte de dom Pedro II, entre os 15% de brasileiros alfabetizados. O humorista, que também não poupou farpas aos desmandos imperiais, destacou-se na produção humorista anti-paraguaia com centenas de desenhos.

Sobressai, entre eles, a figura de Francisco Solano López, o caudilho paraguaio, retratado, invariavelmente, como a encarnação do mal a ser extirpado, tirano sádi-

co e sanguinário para quem a derrota militar não seria castigo suficiente - seus crimes só poderiam ser resgatados com a morte.

Sete em cada dez charges sobre a Guerra do Paraguai estampam a figura de Solano López. O repertório de adjetivos que as acompanha varia de patife, louco e canibal a expressões bombásticas, como o Nero do século XIX. A animalização do chefe inimigo é uma constante. Quase a metade (43%) das caricaturas de López o apresentam em forma zoológicas - abutre, cavalo, pato e cão, entre outros bichos. Os soldados paraguaios são mostrados como criaturas maltrapilhas e esqueléticas, cachorros ou ratos espavoridos em retirada - mesmo quando, no início da guerra, era o Paraguai que detinha a iniciativa militar.

Os negros, o peso desagradável

A pena dos melhores chargistas do Rio de Janeiro retratam o Brasil, por sua vez, na condição de arauto de uma sublime tarefa, a desarraigá-lo a barbárie e transplantar a civilização ao solo guarani, escravizado por um déspota cruel. É interessante que a face não é personalizada na figura do imperador Dom Pedro II. Emoldurava-se o Brasil representado como uma entidade despartada do governo, ao



O Nero do Século XIX

Projeto de monumento que os paraguaios reconhecidos pedem erigir a Francisco Solano López

de Papel

passo que o feroz López encarnava o maléfico regime a ser crucificado.

Os caricaturistas adotaram a figura romântica de um índio, símbolo do nacionalismo, no final do século XIX, para símbolo do nacionalismo brasileiro. Mas não eram os índios, como o Peri idealizado na pena de José de Alencar, que, no cenário da vida real, suportavam o peso mais desagradável da campanha brasileira contra o Paraguai. Esse sufoco ficou sobre-carregado aos negros escravos, arregimentados à força ou seduzidos pela promessa de alforria, ao final da guerra.

Passou ilesa, pela pena dos caricaturistas, essa contradição incontestável, de um regime escravocrata guerreando em nome da liberdade e da civilização. O humorismo, afinal, estava em sintonia absoluta com o discurso oficial da ação armada. Essa adesão é ainda mais notável quando se levam em conta a irreverência e a agressividade que o humor político havia atingido no Brasil daquela época. O engajamento dos humoristas no esforço de guerra fluía em consonância à atitude geral da intelectualidade brasileira diante do conflito. Não é de estranhar, assim, que Angelo Agostini, um chargista notabilizado tanto pelo talento artístico, quanto pelo engajamento político, tenha desempenhado um papel de destaque na antropomorfização do inimigo paraguaio.

Num de seus trabalhos mais impactantes, que mais parece uma profecia sobre os campos de exter-

mínio do Camboja, em pleno século 20, Agostini publicou na **Vida Fluminense** um sinistro projeto de monumento dos paraguaios, no qual Solano López aparece com uma cabeça na mão, plantado sobre uma montanha de sinistras caveiras.

A realidade histórica não compactua com a distorção historiável e despacha o preconceito. O Paraguai, de antes da guerra, distanciava-se bem longe daquele grotão miserável pintado pela imprensa brasileira. Exibia, contrariamente, uma economia mais avançada que a de seus vizinhos sul-americanos. Pouca gente sabe: apresentou-se como o primeiro país da região a dispor de ferrovias, telégrafo, estaleiros e até uma fundição de ferro. Um país que, praticamente, desconhecia o analfabetismo. E é verdadeira a simpatia popular dos paraguaios pelo seu ditador, assim como seu talento, comprovado pela sua condição de estadista e chefe militar.

Solano López foi morto pelas tropas brasileiras, mas lutou, valentemente, até o fim, ao contrário do que profetizavam os chargista do império, que, em mais de uma ocasião, o retrataram com as malas cheias de dinheiro, preparando-se para fugir para a Europa, em companhia de sua mulher, a irlandesa Elisa Lynch. Os chargistas, que haviam compartilhado da previsão triunfalista do governo - de uma campanha breve e fulminante, abandonaram a cobertura da Guerra do Paraguai, tão logo o conflito

começou a se estender ao longo dos anos, com um custo altíssimo de vidas e dinheiro.

Desaparecem as charges, ficam os preconceitos

O humorismo da corte só reencontra sua veia crítica quando o inimigo se encontra praticamente esmagado. Agostini publica, na edição de 11 junho de 1870, da *Semana Ilustrada*, uma charge arrebatadora: o amargo regresso do voluntariado negro da pátria, condecorado no Paraguai e que se encoleriza com a visão da mãe acorrentada.

O polivalente Agostini, defensor da abolição da escravatura e futuro crítico da República, é autor ainda de trabalhos denunciando os lucros embolsados pelos fornecedores do Exército imperial. Sobre o Paraguai devastado, nada se falou. A idéia deformada do Paraguai, difamado como uma terra de ninguém, implodiu, esfacelado pelos atropelos da guerra, por corresponder à realidade. O fim do caudilho paraguaio representou, ao mesmo o início de um período imolado pela indiferença com o destino do país guarani.

Desapareceram o noticiário e as charges, ficaram os preconceitos. A imagem da selvageria paraguaia, forjada pela imprensa imperial, sedimenta-se no imaginário social da época, ficando raízes - de forma a manter-se viva pelos séculos seguintes.

Paraguai retrata o Brasil "negro"

Os documentos do período exibem poucas charges produzidas pela imprensa paraguaia. Situação explicável em razão do baixo grau de sofisticação dos periódicos do país de Solano López. A título de curiosidade histórico-documental, para evidenciar a existência, também, do preconceito presente nas fileiras inimigas: os poucos trabalhos dos desenhistas paraguaios mostram uma sintomática predisposição em retratar todos os soldados brasileiros na condição de escravos africanos.

Uma caracterização que, além de não corresponder à verdade histórica dos fatos, reflete uma atitude racista, ainda hoje remanescente e, às vezes, desfechada e ressurgida na imagem do Brasil entre os vizinhos sul-americanos (lembra do recente caso de Grafite com os argentinos?).

Um desenho do jornal *Cabichuí*, de Assunção, um boletim oficial resenhado para elevar o moral das tropas paraguaias, é destacadamente revelador. Nele, o marquês e futuro duque de Caxias, patrono do Exército brasileiro, é retratado com os traços estereotipados de um negro.

Fogueiras, fogos e festas juninas

Emanoel Amaral

O ciclo de festas juninas comemora no Brasil os dias consagrados aos santos mais venerados da tradição católica portuguesa. Começa homenageando Santo Antônio no dia 13, tem seu ponto alto na noite que antecede o dia 24, dedicado a São João, e termina no dia 29, destinado a São Pedro. Estas festas eram comemoradas na Europa, antes do descobrimento do Brasil, no período da colheita do trigo, por ocasião do solstício de verão, com muita fogueira, comilança e danças coletivas.

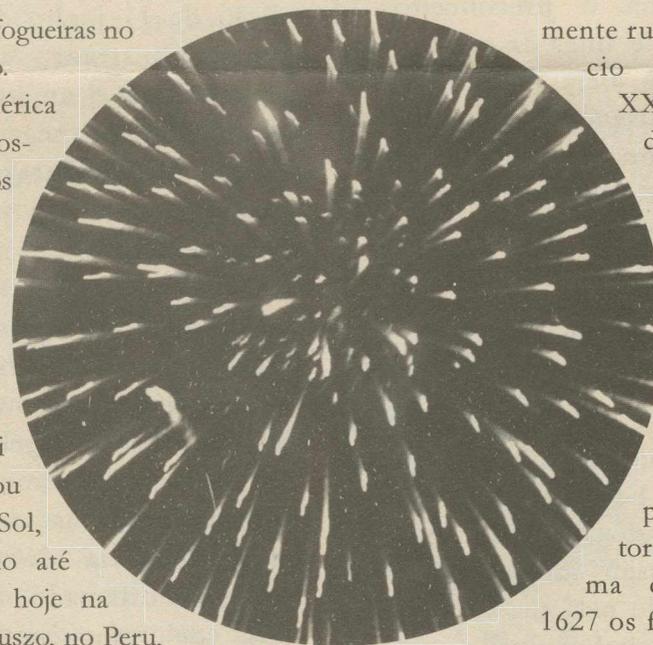
Estudos históricos e antropológicos, no entanto, afirmam que estes festejos já existiam bem antes do advento do catolicismo na Europa. Eram realizados pelos antigos povos iberos, celtas e godos, entre outros, durante a colheita de produtos agrícolas, que prestavam homenagens aos deuses do fogo e da fertilidade, promovendo acasalamentos em meio a danças em volta das fogueiras.

Os padres católicos apropriaram-se dessas tradições bárbaras, adaptando-as e incluindo-as no calendário católico romano. Acredita-se que Isabel teria acendido uma fogueira para avisar sua prima Maria do nascimento do seu filho João, que se tornaria São João Batista. Para os católicos, advém daí a tradição

de acender fogueiras no dia do santo.

Na América do Sul, os costumes antigos eram semelhantes aos do Velho Mundo. A maior festa do império inca, a Inti Raimi, ou Festa do Sol, comemorado até os dias de hoje na cidade de Cuzco, no Peru, também era iluminada por fogueiras. Nessas ocasiões, os incas comemoravam a colheita do milho e rendiam homenagens ao deus Sol, responsável, segundo eles, pela fertilidade da terra. Além de acender fogueiras, promoviam banquetes e folguedos populares, com a realização de cerimônias coletivas de casamento. Tudo isso, por incrível que pareça, acontecia (e ainda acontece) exatamente no dia 24 de junho, data do solstício de inverno e de São João - normalmente a noite mais longa e fria do ano.

No caso do Brasil, país básica-



mente rural até o início do século XX, a tradição de comemorar o ciclo junino vem de muito longe. Frei Vicente do Salvador, nosso primeiro historiador, afirma que já em 1627 os folguedos de São João atraíam muitos índios aos povoados.

Aliás, a culinária típica das festas juninas vem dos próprios índios: canjica, pamonha de milho verde, milho cozido ou assado, comidas derivadas da macaxeira e mandioca, batata doce, etc... Até mesmo o quentão parece ter sua origem no caíum, bebida consumida morna pelos índios em suas festas tradicionais. São João, no Brasil, marca o início do calendário agrícola. Daí os pedidos que se fazem ao santo de boas colheitas e progresso material, além de superstições e crenças advinhatórias.

Casamento Matuto

No início da nossa colonização, os colonos viviam espalhados em sítios ou fazendas distantes umas das outras. Encontravam-se apenas nas festas que unissem interesses econômicos e religiosos na mesma oportunidade. A religião oficial e obrigatória, tanto na metrópole portuguesa quanto nas colônias, era a católica romana. Faltavam, porém, padres para zelar por todo este rebanho.

Os fazendeiros construíam suas próprias capelas, muitas vezes para pagar promessas, e em torno delas o povo se reunia pelo menos duas vezes por ano: nas festas de fim de ano e nas festas juninas. Nessas ocasiões, montavam arraial, com muitas barracas, cobertas por folhas de palmeiras ou de coqueiro, para receber a visita de algum padre ou missionário que celebrasse missa ou batizasse os pagãos ou outras cerimônias como a primeira comunhão e casamento.

O povo aproveitava para vender ou trocar produtos agrícolas. Quanto maior a fartura, maior a festa, com muita comida, bebida e dança. Fogueiras, balões e fogos de artifícios. Esta foi a origem de muitas vilas e cidades do interior do Brasil. O ponto alto destas festas, porém, eram os casamentos, que na maioria das vezes acontecia no Dia de Santo Antônio. Com o tempo, esta cerimônia ganhou sua versão matuta teatralizada, animando ainda mais as quadrilhas juninas.

Quadrilha, dança de origem europeia

De origem europeia, os registros mais antigos relacionam as quadrilhas com velhas danças rurais de tradições pagãs da Normandia e da Inglaterra. Como todas as danças palacianas e aristocráticas que se espalharam pela Europa, esta modalidade chegou ao Brasil com os portugueses, com o nome de "pas de dance". O vocábulo quadrilha, porém, vem do francês "quadrille" e origina-se do italiano "squadro" que, por sua vez, significa companhia de soldados dispostos em quadrado.

Consta que os maestros responsáveis pela introdução da quadrilha no Brasil foram Milliet e Cavalier, que encantaram, com essa modalidade de dança, os salões da corte. Depois, ela se espalhou pelas províncias e se fixou na região rural. Sabe-se que os portugueses introduziram os festejos juninos inicialmente pelo interior paulista.

A quadrilha tem como música original a polca, que é uma valsa ligeira, sendo substituída, posteriormente, pelos ritmos nordestinos - xote, xaxado, baião, ciranda, marcha. Desta mistura surgiu o que ficou conhecido como forró. Fixando-se na zona rural, passou a ser dançada inclusive nos festejos de casamento, quando o cortejo desfilava pelas ruas após a celebração da cerimônia.

No entanto, a quadrilha acabou retornando aos meios urbanos, reproduzindo as vestimentas e os trejeitos do homem rural, uma imitação que se transformou em caricatura, assumindo traços, segundo Câmara Cascudo, até carnavalescos. Os instrumentos utilizados - zabumba, triângulo e sanfona - foram substituídos por som eletrônico e os requebros ficaram mais dengosos e sensuais. A quadrilha firma-se no Nordeste como ponto alto do ciclo junino.

Tradicional e estilizada, eis a polêmica

Mais recentemente, as quadrilhas juninas ganharam contornos de espetáculos estilizados. Em Natal e em Mossoró, a exemplo do que ocorre em várias outras cidades do Nordeste, grupos urbanos de jovens concorrem a prêmios se apresentando para públicos cada vez maiores. As mudanças nas quadrilhas, que para alguns críticos passaram a ser apenas danças juninas, podem ser observadas na coreografia, figurino e na música, especialmente quando representam bairros periféricos das cidades.

Estudiosos da cultura popular lembram, contudo, que a quadrilha dançada nas cidades não denota a inexistência da dança considerada tradicional em áreas do interior. Mas é certo que o festival de quadrilhas estilizadas realizado nos centros urbanos passou a ter mais visibilidade para a mídia, ganhando inclusive patrocínio de instituições públicas. Apresenta-se como veículo para a circulação de renda, favorecendo costureiras, aderecistas, figurinistas, coreógrafos e trabalhadores autônomos. Pode-se dizer que as manifestações culturais nordestinas, com esta diversificação, ficaram mais ricas.



Chuva de Bala no País de Mossoró

Um espetáculo que vem ganhando proporção e grandeza a cada ano. É o mínimo que se pode dizer da representação da peça Chuva de Bala no País de Mossoró, encenada naquela cidade, mais precisamente no adro da Capela de São Vicente, durante os festejos do maior São João do Rio Grande do Norte. Com a direção do teatrólogo João Marcelino, o texto do jornalista e escritor Tarcísio Gurgel sobre a brava resistência do povo mossoroense ao ataque de Lampião e seus cangaceiros à cidade, ocorrido em 27 de junho de 1927, ganhou um sabor especial.

A quinta edição do espetáculo trouxe novidades. Mudanças no cenário, figurino e na adaptação do texto do autor, que é representado, no palco, por 51 atores de Mossoró e da região. Cerca de 150 pessoas participam da produção que envolve teatro, dança e música. São figurinistas, coreógrafos, bailarinos, além de atores, que contribuem para dar brilho aos 50 minutos de espetáculo. "Fiz várias pesquisas que vão deixar o público bem situado naquela época; quero que todos saiam com orgulho de serem

mossoroenses", revela João Marcelino.

O papel de Lampião foi incorporado pelo ator Dionísio Cosme Neto. O de Jararaca, um dos cangaceiros mortos na troca de tiros com a população, ficou com Kleber Pinheiro. A atriz Tony Silva, que vinha se revelando como Jararaca, agora tem a função de narrar as cenas. Destaque maior foi dado ao papel do prefeito Rodolfo Fernandes, que liderou a resistência cívica ao bando de cangaceiros, recusando-se a pagar a quantia que Lampião exigiu para não invadir a cidade. O ator Cícero Dias interpreta o prefeito de Mossoró.

O espetáculo é enriquecido com imagens do cangaço projetadas na parede da igreja, que ainda hoje guarda furos das balas trocadas no tiroteio. Chuva de Bala no País de Mossoró, pode se dizer, é um dos pontos altos da elástica programação junina realizada naquela cidade. Firmou-se no calendário desta festa da mesma forma como na programação natalina da capital tem lugar de destaque o espetáculo Um Presente de Natal, promovido pelo Governo do Estado. São 14 apresentações, sempre nos fins de semana, com encerramento previsto para o dia 26.

Foto: Ângelo Gurgel

